

Quando vemos uma criança com necessidades especiais pela primeira vez, em geral estamos na presença de seus pais, que são os que a trazem para a consulta. Além de falar sobre as necessidades especiais que a criança tem e as expectativas que eles têm para com o tratamento, devemos observar ao pequeno. Seu olhar nos informará sobre sua maneira de interagir com o meio; deve-se oferecer a ele um objeto e caso o possa seguir, a situação nos estará dizendo que há seguimento visual e ao falar-lhe e nomear-lhe, poder-se-á se analisar logo na primeira vista, se há uma atenção sustentada. E isto pode ser deduzido sem que tenhamos a necessidade de interagir com a criança fisicamente. Mesmo que o façamos quando ela ainda estiver sentada no colo da mãe, já será suficiente.

Para começar um tratamento é fundamental fazer uma avaliação inicial que certamente nos tomará várias sessões, já que a criança não se sentirá igual cada vez que vier, e, enquanto isso, iremos analisando quais são seus modos vinculares mais importantes e de que forma poderemos propor uma estratégia de tratamento mais pontual.

Ainda que, é necessário ter o diagnóstico clínico para perceber as possibilidades destas crianças, a observação nos permitirá compreender diferentes aspectos para programar muitas das atividades.

Saber se a criança ouve música, com que aparelho e onde o mesmo se encontra em sua casa, nos brindará informação adicional que poderemos utilizar a nosso favor.

Conhecer os horários da rotina da criança pode ser de benefício para seu tratamento, por exemplo, saber a que hora dorme ou descansa todas as noites, permitir-nos-á entender se pela manhã está mais irritável ou não.

Os recursos que utilizam os musicoterapeutas são todos aqueles que podemos usar em relação a elementos como a voz, os instrumentos musicais, microfones, música gravada, partituras, etc. E como recurso musicoterapêutico, especificamente, contamos com a improvisação musical, a sustentação vocal, o banho sonoro, a criação de canções, a estimulação sonora, as visualizações criativas com música, a relaxação através do movimento, as brincadeiras sonoras grupais, etc.

Para concluir podemos dizer que o ser humano é triplo em sua capacidade de ouvir, como se tivéssemos três níveis e não somente um, como se acredita. O ouvido físico é o que se vê, mas existem outros dois mais que nos mostram até onde é importante o valor do ouvido. Estes são: o ouvido mental (que codifica o que se ouve) e o ouvido espiritual (que põe em jogo as emoções sobre o conteúdo que chega).

Ouvir é estar em contato com o que vem do exterior e com o que ressoa.

Escutar é outra coisa, implica consciência; consciência implica vontade e vontade implica a generosidade de querer escutar. E as respostas que alguém pode produzir a respeito do que escuta tem a ver com a própria história, com o conhecimento pessoal. Dessa atitude de escutar surge um estado de unidade, através do som, com aquilo que se está escutando. É estabelecida uma conexão sonora que determina unidade entre o que está escutando e a fonte de onde o som procede, dando-se, portanto, uma unidade sonora. Porém, esta unidade sonora não é qualquer coisa, devemos lembrar que vivemos em um mundo fundamentalmente sonoro.

A escuta leva consigo a conexão com o entorno, o ouvido leva consigo simplesmente os sons que capta.

## 75- O PAPEL TERAPÊUTICO DO CANTOR DE BLUES E AS CONSIDERAÇÕES PARA AS APLICAÇÕES CLÍNICAS – Joseph Moreno – USA

Tradução: Karina Grandino

Revisão: Mt. Mariana Arruda

Os intérpretes de Blues se expressam através da fusão entre a música e a poesia que é a forma tradicional do Blues. Essa forma tem suas origens na expressão da dor e foi criada a partir do sofrimento dos negros africanos levados aos Estados Unidos como resultado da escravidão. Através da música vocal que mais tarde evoluiu para a forma tradicional do Blues, os escravos encontraram uma saída permissível para a expressão individual e coletiva do sofrimento em situações profundamente difíceis: uma forma de musicoterapia "catártica". O Blues continuou a evoluir com os negros após a escravidão e se consolidou próximo ao final do século XIX.

O Blues é tipicamente uma apresentação em primeira pessoa; uma música auto centrada. Entretanto, o próprio fato de ter esse direcionamento pessoal, parece fortalecer ainda mais os laços entre o cantor e a platéia.

Existem letras tradicionais de Blues, como no exemplo 1, que se tornaram parte do vocabulário genérico do Blues e que são freqüentemente encontradas em muitas canções e performances, bem como outras letras originais criadas individualmente.

Cantores experientes podem improvisar de acordo com o que está acontecendo ou de acordo com sua sensibilidade no momento. Cada refrão de 12 compassos pode poeticamente e emocionalmente se sobrepor aos anteriores e comunicar narrativas mais extensas.

Harmonicamente, o Blues mais tradicional é relativamente simples. A fórmula típica utiliza os acordes I, IV e V, com as sétimas. Entretanto, enquanto a harmonia e a poesia básica são relativamente simples, a performance autêntica do Blues não tem nada de simples e representa muito mais que a soma de suas partes.

A maioria dos ouvintes seria capaz de se identificar prontamente com os tipos de problemas que a letra da canção do exemplo 1 expressa. Nesse caso, a maioria das pessoas pode sentir que ninguém as ama como merecem; que ninguém se importa com elas e que elas têm mais problemas do que podem suportar. Deve-se salientar nas leituras das letras que muito além das questões transmitidas é como elas são expressas – é a intensidade da expressão emocional da performance que dá ao Blues seu poder de comunicação.

### O CANTOR DE BLUES

É importante analisar o papel social do cantor de Blues e como a forma do blues é particularmente adequada para abordar os tipos de problemas que o Blues tipicamente expressa. As letras do Blues, como no seguinte exemplo de Stormy Monday, (Keil, 1966), transmite de forma breve uma riqueza de imagens e sentimentos sobre questões que são significativas para o ouvinte.

Exemplo 2

Eles chamam isso de segunda-feira brava, mas terça é tão ruim quanto segunda

Eles chamam isso de segunda-feira brava, mas terça é tão ruim quanto segunda  
Oh Senhor, quarta é pior; e quinta, Oh, é só tristeza.

A letra de "Twisting up the Road" de Bobby Bland (Keil, 1966) é igualmente  
comovente:

Exemplo 3

"Você colhe exatamente o que planta  
Esse velho ditado é verdadeiro  
Você colhe exatamente o que planta  
Esse velho ditado é verdadeiro  
Se você maltratar alguém  
Alguém vai te maltratar"

Ao encontrar a expressão verbal correta para essas questões bem como a qualidade  
emocional apropriada ao cantar, o intérprete pode se inspirar ou inspirar a platéia a  
atingir altos níveis de intensidade emocional.

A platéia conhecedora do Blues vai responder vocalmente no momento certo  
conforme for se identificando com o material, com expressões emocionais tais como:  
"Vai lá" ou "É isso aí" ou "Isso mesmo", porque o cantor está expressando algo que tem  
ligações poderosas com sua experiência de vida.

O famoso cantor de Blues B.B. King, disse:

*"Quando canto Blues, a canção pode não ser totalmente a respeito de  
alguém, mas há certos trechos que aconteceram com elas ou com amigos e  
com os quais elas se identificam e quando isso acontece, elas sentem."  
(Haralambos, 1970).*

Da mesma forma o cantor Little Milton disse: "Alguns fãs dizem que estamos  
interpretando uma coisa que eles mesmos queriam dizer ..." (Haralambos, 1970), que  
poderia ser comparada a um terapeuta ajudando um paciente a articular um problema.

Harriet Ottenheimer (1979) compartilhou idéias interessantes que foram resultado  
de uma série de entrevistas que conduziu com cantores de Blues em New Orleans. O  
resultado de sua pesquisa contradisse a suposição usual que afirma que cantores de  
Blues expressam através da música sentimentos reprimidos que não poderiam  
expressar de outra forma.

Ela descobriu que não havia nada que eles cantavam que não poderia ser expresso  
sem a canção. Sua pesquisa sugeriu que a função do Blues era criar uma emoção ou  
sentimento para se unir a um sentimento pré-existente. Esses não são sentimentos  
reprimidos, mas sentimentos que são realisticamente reconhecidos pelo intérprete e  
público. Entretanto, mesmo que os sentimentos sejam reconhecidos indiretamente, sua  
intensa expressão emocional através do interprete pode ser uma forma de catarse para  
ele mesmo e para a platéia.

Essa autora conseguiu algumas perspectivas interessantes a partir de uma  
entrevista feita com o notável guitarrista e interprete de Blues Otis Rush (1982). Ao ser  
perguntado se quando cantava Blues ele estava falando de coisas que viveu, ele disse:

"Algumas sim, mas não sempre – as vezes você esta cantando simplesmente por cantar,  
e algumas tem a ver com você, algumas são boas e outras ruins."

Existe uma analogia real entre a abordagem de comunicação usada pelo cantor de  
Blues convincente e a usada com membros dos Alcoólicos Anônimos. O AA tem sucesso  
em parte porque seus membros valorizam o apoio real que recebem de outros membros.  
Eles sabem que eles tiveram a experiência do alcoolismo; eles já estiveram lá.

Da mesma forma, o intérprete convincente, que canta sobre problemas e outras  
experiências de vida, passa a sensação de ter estado lá também – "nos momentos bons  
e ruins" como disse Otis Rush. Eles cantam sobre algo que compreendem e com o qual  
tem empatia – obviamente qualidades fundamentais a qualquer terapeuta para  
compreender e sentir empatia com as experiências do paciente.

Rush indicou, além disso, que cantar e tocar Blues era uma liberação emocional  
significante para ele que quando jovem cantava e tocava Blues sozinho como um meio  
de expressão imediata.

Quando perguntado sobre o tipo de letra de Blues ou assunto que mais mexia com a  
platéia, Rush disse: "Quando você 'pega' o som. Você pode ter uma coisa cheia de  
significado para dizer, mas se você não ouvir o que está dizendo – você tem que 'pegar' o  
sentido – e simplesmente passar para o público, e eles podem apreciar quando o som  
ficar bom. Quando estiver ruim... O que ele disse?" Com "som" ele parece ter se referido  
ao sentimento, o poder da comunicação. Para citar Otis Rush novamente: "A questão é  
como você diz o que está dizendo, a questão é como toca o que está tocando. Você pode  
tocar mil notas em cinco minutos, ou algumas notas em um minuto e dizer muita coisa".  
Esse tipo de consciência da necessidade de comunicação musical efetiva é certamente  
crucial tanto ao musicoterapeuta quanto ao interprete de Blues.

Finalmente, Rush foi perguntado se havia coisas que expressava em sua música  
que não conseguiria expressar com palavras. Ao contrário dos intérpretes do artigo de  
Ottenheimer, ele respondeu: "Certo. Sim. Isso acontece porque às vezes tento dizer algo  
e me expresso mal; e aí isso não passa de palavras – então, o melhor seria cantar - Eu  
simplesmente – ahhhh – sabe como é; eu podia tocar e me expressar melhor. "

## A EXPERIÊNCIA EM GRUPO

Interpretar Blues é uma forma altamente emocional de expressão. Quando um  
cantor está interpretando para uma platéia conhecedora a apresentação fica dirigida a  
um grupo altamente incentivador e com o qual possui muita empatia. Para ambos,  
intérprete e publico, isso não é nada menos do que uma terapia em grupo, onde o  
interprete é o terapeuta.

A medida que o interprete aborda problemas com os quais o ouvinte se identifica, ele  
passa a se sentir menos sozinho e isolado em seus problemas.

A afirmação emocional dos ouvintes, a divisão de sentimentos com o interprete são  
uma forma de ritual de ouvir. A emoção no Blues é expressa através da sensibilidade do  
interprete aos assuntos dentro das letras. Essa sensibilidade pode ser transmitida pelo  
domínio de algumas habilidades como tonicidade das frases, sons de dor ou êxtase,  
diminuir ou aumentar o tom e a escolha melódica apropriada.

Um interprete (Ottenheimer. 1979) relatou um incidente no qual um membro da platéia deu dinheiro ao cantor para parar de cantar um blues específico porque as transferências eram muito fortes e o faziam chorar. Entretanto, ninguém disse que terapia é sempre uma experiência agradável e se o ouvinte caiu em lágrimas ele estava ao mesmo tempo progredindo no reconhecimento e aceitação do problema. Talvez ele estivesse dando um passo na direção de se livrar dos conflitos ao invés de continuar a reprimi-los.

A intensa resposta emocional desse indivíduo ao Blues certamente ressalta o quanto a experiência musical pode ser poderosa – nesse caso, dura demais para ele suportar.

## O BLUES E A TRADIÇÃO XAMANÍSTA

As tradições da música Gospel e do Blues também estão ligadas as tradições da igreja negra Cristã. Muitos notáveis cantores de Blues eram pastores (Little Richard) e outros como Ray Charles e Aretha Franklin tiveram sua formação musical na tradição Gospel ressaltando as ligações entre o Blues e a religião - com seu objetivo terapêutico ou de cura.

Também se pode fazer uma analogia entre o intérprete de Blues e a figura xamanista em sociedades não-alfabetizadas que utilizam a música como parte integral do processo de cura. O processo de troca entre o Xaman e seus pacientes e o uso música rítmica e hipnótica está bastante ligado ao cantor de Blues inspirado, que está em pleno contato com a platéia num plano emocional muito intenso.

O Blues pode expressar todo tipo de sentimentos. A seguir, a letra de uma canção (Moreno 1986) que fala de agressão explícita.

### Exemplo 4

*"Eu amo você, querida; mas detesto esse seu jeito ruim  
Sim. Eu Amo você querida; mas detesto esse seu jeito ruim  
Continue assim, mulher  
E um dia vou ter que te matar"*

É pelo menos teoricamente possível que um indivíduo que apresenta impulsos agressivos, e ouve ou canta um Blues como no exemplo 4 se identificando com idéias e sendo estimulado por elas, pudesse experimentar um nível de catarse e subsequentemente sentir uma necessidade de menor de expressar agressão na vida real. Isso é certamente uma conjectura e sem dúvida varia de acordo com cada indivíduo ou circunstância.

Entretanto, até onde isso seja real, aponta para o potencial terapêutico do Blues para o musicoterapeuta que trabalha com pacientes agressivos ou detentos. Há muitas variáveis subjetivas envolvidas e, é claro que é impossível prever e/ou generalizar no que diz respeito à relação entre a expressão cantada da agressividade e o subsequente comportamento do indivíduo. Até pode-se argumentar que letras agressivas poderiam

estimular atos agressivos, mas sem dados definitivos. Esse autor só pode sugerir que e a liberação emocional e o confronto parecem estar alinhados com o controle do insight e dos impulsos.

Uma análise detalhada das letras de Blues pode ilustrar sua função terapêutica. A seguinte letra de B.B King é um exemplo que mostra isso.

### Exemplo 5

Ajuda de fora – B.B. King

Todo seu carinho acabou querida; e seu amor esfriou

Eu disse que todo seu carinho acabou querida; e seu amor esfriou

Ei, só que eu tenho uma estória nova para contar esta noite, querida;

Uma que nunca foi contada

Fui trabalhar outro dia.

Mas achava que ia voltar e aquele carro que vi parado na frente de casa, parecia um Cadillac novinho

Mas espera aí, não era meu. Eu acho que você anda me traindo,

Acho mesmo!

O sorveteiro passou aqui de manhã e você sabe que ele não deixou sorvete nenhum;

O carteiro passou mais tarde e nem precisou bater duas vezes

Ei, eu acho que você anda me traindo meu bem ...

Acredita pra valer que você anda me traindo, não acho que mereço isso ...

O cantor está obviamente lidando com questões de infidelidade e rejeição. A performance vocal é altamente emocional e transmite a dor da rejeição ao ouvinte. Entretanto, no último refrão, ao invés de reclamar passivamente da situação, o intérprete sugere vários modos de lidar com ela (isto é: dizer a sua mulher como lidar com o sorveteiro, o carteiro e o rapaz dos seguros).

Embora os exemplos do intérprete possam ser superficialmente engraçados, as questões subjacentes são importantes. O humor envolvido também funciona como uma catarse: se alguém consegue rir de um problema está provavelmente a caminho da aceitação e da solução das questões envolvidas.

O intérprete oferece uma forma de modelo terapêutico. O confronto direto com uma situação difícil que poderia ser significativa para qualquer ouvinte que estivesse no momento lidando com a rejeição ou se antecipando a ela ou ainda que tivesse experimentado a rejeição no passado. Cada ouvinte entende o assunto da perspectiva de sua própria experiência de vida. Entretanto, o intérprete oferece a todos ouvintes um modelo terapêutico de ação, em contrapartida a passividade diante do problema com implicações que vão além da questão específica tratada aqui.

Eddie "CleanHead" Vinson é um interprete de blues contemporâneo que incidentalmente é careca. Em muitas de suas apresentações ele cria letras que de forma engraçada chamam a atenção para sua calvície. Para muitos homens a calvície pode ser tornar um transtorno social e psicológico. Entretanto, as letras de Vinson geralmente passam a idéia de que a calvície é um atrativo sexual e que ele só ficou careca de tanto as mulheres passarem a mão em seus cabelos! Ele tenta transformar seu problema em vantagem aparente ao invés de um peso.

A abordagem de Vinson em tirar o máximo de cada um e de ser capaz de lidar de maneira positiva e construtiva com quaisquer limitações impostas é um conceito importante e relevante terapeuticamente.

#### APLICAÇÕES CLÍNICAS EM MUSICOTERAPIA

Letras de Blues inspiradoras podem ser criadas para passar uma mensagem positiva em relação a superação de um doente mental, como Vinson faz, para dar apoio emocional a seus pacientes. O musicoterapeuta pode criar letras de Blues para expressar os problemas de cada um em um grupo como em um grupo de pacientes psiquiátricos. Pode-se alternar as letras individualizadas com um refrão em grupo sobre algo que todos os pacientes possam se identificar, por exemplo: "Ninguém me ama, ninguém se importa comigo" (exemplo 1) ou talvez algo mais específico a respeito de algo como a hospitalização involuntária.:

##### Exemplo 6

"Me prenderam nesse lugar. Por que eu?  
Me prenderam nesse lugar. Por que eu?  
Deus sabe que queira estar em casa e livre."

Do refrão em coro, podemos ir para os refrãos individuais com letras criadas sobre problemas de cada membro do grupo. Esse autor, por exemplo, trabalhou com um paciente psiquiátrico adulto que era extremamente defensivo quanto a problemas pessoais em sessões de terapia individuais ou em grupo. Ao contrário, nas sessões com Blues o paciente prontamente identificou seus problemas imediatos, (isto é; se sentia só, sentia falta da irmã que raramente o visitava e isso o fazia se sentir um lixo. Devido à essas questões amplas, o terapeuta trabalhou com o paciente para criar uma letra que fosse expressiva para essas questões:

##### Exemplo 7

" Me sinto muito triste porque minha irmã não vem  
Me sinto muito triste porque minha irmã não vem  
Estou chorando muito. Me sinto um pobre coitado que não serve pra nada."

Deixa forma, ele conseguiu pela primeira vez desde a hospitalização, expressar livremente e se identificar com essas questões de uma maneira que tranqüila, solidária e sem confrontos. Mais tarde ele também conseguiu verbalizar melhor suas angustias em outras situações de terapia.

Outros nesse tipo de grupo de Blues se beneficiam ao ouvir os outros contarem suas angustias e, como em qualquer tipo de terapia em grupo, cada um se sente menos isolado e diferente. Cada refrão individual pode ser seguido do coro do grupo para que haja apoio imediato do grupo.

As sessões de Blues são seguidas de discussões verbais sobre as questões expressas por cada indivíduo do grupo. Os sentimentos e conflitos expressos nas canções podem revelar questões importantes sobre o paciente e podem ser de grande significado diagnóstico e terapêutico.

O Blues também tem sido uma técnica altamente eficaz nas experiências com

#### Áreas de aplicação da MTFO durante a gravidez

Na MTFO aplicada ao período gestacional coexistem três áreas principais sobre as quais se trabalha. São elas:

Primeiro: "O vínculo com a criança que vai nascer".

Segundo: "O bem-estar da futura mamãe".

Terceiro: "O próprio bebê em gestação".

Cada uma destas áreas principais tem, a sua vez, uma série de pontos que são levados em conta nos nossos tratamentos. Por exemplo, quando falamos do vínculo, não estamos pensando somente na mamãe e no seu bebê, senão que também fazemos referência ao pai, considerando o casal na sua totalidade. Acredito que o fato de incluir aos principais envolvidos no processo é algo que vai melhorar com as relações intra-familiares.

Quanto à futura mamãe, temos em conta suas sensações, emoções, fantasias, ansiedades, medos, ilusões, características obstétricas de sua gravidez, o que a permitirá viver esta etapa com menos angústias e ansiedades.

E por último, em relação ao bebê que está por nascer, temos que considerar como é o seu desenvolvimento auditivo, como chegam até ele os sons, como podemos estimulá-lo para que reconheça uma melodia inclusive antes de nascer, de que maneira se pode reduzir o impacto sonoro ambiental e o stress que o seu próprio nascimento o gera.

Os condicionantes externos são de três tipos: os obstétricos (próprios da gestação) que podem ser tanto maternos como fetais, os emocionais (maternos) e os ambientais (que tem a ver com o âmbito social).

#### Conceito das quatro esferas da gravidez

No livro "Música pré-natal" desenvolvi um conceito que sugere que a gravidez é vivida simultaneamente em quatro esferas: a física, a mental, a emocional e a espiritual, e que, ante a presença de alguma defasagem entre elas, devemos como terapeutas trabalhar para nivelá-las, para que a vivência da gestação seja totalmente equilibrada.

Sabemos que é o médico obstetra quem se ocupa da gravidez física, mas também sabemos que, pelo geral, não se costuma considerar como importantes ao que poderíamos denominar de gravidezes paralelas, invisíveis, que sucedem de maneira simultânea à gravidez física.

Tais gravidezes não são consideradas porque passam por lugares não tangíveis, porque não são vistas, porque muitas vezes desde a medicina convencional (estruturada) não se sabe como tratá-las. As gravidezes destas esferas são o que atendemos na musicoterapia focal obstétrica.

Por outro lado, considero ao vínculo mãe-filho a vítima principal desta defasagem. A mãe não é vítima, nem o bebê, senão que a relação que eles têm ou vão gerar. O não transitar por estas quatro esferas, ou bem, reprimir alguma delas não tem nada a ver com o ser ou não ser uma boa mãe, nem com o amor que se pode transmitir a seu filho. Mas sim, em como impacta na relação tudo aquilo que devia ser elaborado de alguma forma.

Quando se está gestando um bebê são muitas as coisas que se projetam nele, mas muitas delas têm a ver com a própria história da futura mãe ou do futuro pai, e por isso é de suma importância poder contar com um lugar onde se possam estabelecer e elaborar as diferenças que existem entre esse filho fantasiado e esse filho real que está cobrando vida dentro do ventre. Há vezes que quando isso não é considerado, encontramos com bebês que, metaforicamente falando, pezão cem quilos ou invés de dois e meio ou três, peso que têm ao nascer. Também há vezes que dentro o ventre da mãe o envolve em uma espécie de armadura, que não é outra coisa além do medo do que está por vir, que não permite o contato, pelo que há de liberar o caminho para que se produza o desejado encontro.

Muitas vezes acontece que as mulheres que já completaram os nove meses e já deram a luz, ainda estão grávidas mentalmente, e isso impacta no vínculo que é gerado com seu bebê, manifestando-se em situações onde, por exemplo, a tolerância da mãe é baixa diante da demanda de seu bebê; que acaba por resultar em uma lactância artificial no lugar de uma natural.

Talvez o nível de stress que um recém nascido gera num lar seja tão alto que favorece a um estado depressivo importante. Inclusive antes do nascimento existem casos onde a mulher grávida não pode imaginar a seu bebê, porque está simbolicamente coberto por algo escuro e isso não é nada mais que aquilo que está na sua mente, produto de sua própria história. Por esta e muitas outras situações que estão exercendo pressões negativamente, é que sugiro a possibilidade de trabalhar as diferentes esferas da gravidez. Isto sem dúvida ajudará que os braços que o amparam ao nascer, sejam mais firmes e seguros e não me refiro à força física. Um bebê que foi esperado e que com ele foi falado durante a sua gestação, desde algum lado sabe que foi esperado, seguramente terá mais vontade de nascer do que outro, que o aguardam umas mãos inseguras e temerosas. Este trabalho aliviará o impacto no vínculo e favorecerá um espaço para que o mesmo se desenvolva da melhor maneira possível.

Sobre o conceito de humanizar a gravidez e humanizar o nascimento estão as bases da MTFO. Se, uma futura mãe é brindada com um espaço adequado para que se elabore a gestação desde todas as esferas, isto estará sendo considerado e assim alcançaremos nosso principal objetivo, que é melhorar a qualidade de vida da nova família e da recepção do recém nascido.

Conceito de gravidez para a abordagem em obstetrícia

O tratamento musicoterapêutico na MTFO que aborda o trabalho em obstetrícia tem como objeto de estudo a gravidez em si.

Seguindo o conceito do doutor Hector Fiorini sobre psicoterapias breves, a MTFO é uma delas, justamente pelo pouco tempo real que existe para a atenção da paciente. Ele sugere que a estrutura de uma doença conforma-se por "uma constelação de múltiplos fatores correspondentes em diferentes níveis, potenciado mutuamente pelo encaixe recíproco, configura a estrutura: Enfermidade".

Fazendo uma analogia entre este postulado, com a situação de crise que gera na mulher uma gravidez e tomando como conceito de crise a um aspecto que tem a ver com o crescimento e não com o ponto de vista negativo, é que exponho o seguinte: uma

mulher alcança sua gravidez em diferentes condições e situações. Aqui entra em jogo variáveis que têm a ver com a idade, a condição social, a relação do casal, aspectos físicos (necessidade de assistência para conceber), o momento da vida em que chega este bebê, etc. Por outro lado, temos uma história que de alguma ou outra maneira condiciona aos resultados (os vínculos interpessoais e a forma em que nós mesmos fomos concebidos e nascemos) ou o caminho que vai ser percorrido.

Também as vivências pessoais em relação a gravidezes e partos próprios ou alheios, a estrutura da personalidade que tem uma enorme influência nos aspectos mais relevantes das fortalezas próprias da pessoa. Tudo isso de alguma ou outra maneira condiciona a gravidez, a relevantes das esferas invisíveis, e nos enfrenta a uma ESTRUTURA BASE DE GRAVIDEZ que vai ser despregada pondo em jogo o tratamento.

Aplicação da modalidade de musicoterapia focal obstétrica.

Objetivos gerais e específicos da MTFO.

Considerando as principais áreas de trabalho em obstetrícia (o vínculo, a mãe e o futuro bebê), no ano de 2002/2003 com a equipe de musicoterapeutas de Mami Sounds enfocamos em definir os objetivos gerais e específicos para a MTFO. Junto às colegas Aldana Rodríguez Rolon, Coral Merayo, Valeria Poidebard, Vanina Colombo, María Laura Lardani e com a supervisão do Lic. Marcos Vidret, publicamos no livro, de minha autoria, "Melodias para o bebê antes de nascer".

Os objetivos gerais são:

- 1.- Estimular e fortalecer o vínculo precoce Mãe-Pai-Bebê, vertical-horizontal e triangular (entendendo como vínculo precoce o início da gestação).
- 2.- Melhorar a qualidade da gravidez, o parto e pós-parto.
- 3.- Favorecer a qualidade de vida do bebê nas etapas pré-peri e pós-natal.

Os objetivos específicos:

- Desfrutar de uma conexão profunda com o bebê que está por nascer.
- Que a futura mãe possa perceber os movimentos do bebê por mais sutis que estes sejam, uma vez que isso a permite aumentar o nível de conscientização e a percepção mais cedo da gravidez.
- Compartilhar com o casal as sensações prazerosas relacionadas à gravidez e a sua significação.
- Desenvolver precocemente um vínculo saudável desde a etapa pré-natal.
- Modificar a atitude dos pais ante o nascimento, conscientizando-os da chegada do novo ser, por meio da ecologia pré-natal.
- Prevenir e detectar conflitos ou patologias vinculares durante o processo terapêutico.
- Desfrutar da gravidez e promover um clima emocional adequado para a gestação.
- Desenvolver um autocontrole sobre a senso-percepção da dor.
- Reduzir o nível de ansiedade materna.
- Elaborar durante o processo terapêutico fantasias, controlar medos e

ansiedades para reduzir o stress materno fetal.

- Aprender modalidade de relaxamento e descanso par ao corpo e a mente durante a gestação, trabalho de parto e parto.
- Preparar as grávidas para o momento do trabalho de parto e parto com diferentes procedimentos musicoterapêuticos.
- Tomar consciência sobre as sensações físicas próprias da gravidez.
- Desenvolver uma atitude para parir sem temor e com vontade de dar a luz.
- Contribuir para a redução do stress Peri-natal, brindando ao recém nascido a possibilidade de conectar-se com um ambiente sonoro já conhecido, através da audição.
- Estimular ao bebê que está por nascer mediante a execução de instrumentos musicais, música gravada e a própria voz materna e/o paterna através do canto.
- Detecção precoce de problemas auditivos fetais.
- Transmitir ao bebê uma sensação de estado prazeroso.
- Verificação de respostas fetais através de provas de vitalidade e audição fetal.

#### Os diferentes tipos de abordagens na MTFO

Na modalidade MTFO são realizadas seções individuais ou grupais de grávidas e oficinas de estímulos pré-natais para casais. As oficinas de musicoterapias se incluem na área preventiva na área preventiva e as seções de musicoterapia clínica estão inseridas na área de tratamento.

Dentro da área preventiva, distinguimos as oficinas grupais de casais ou de grávidas, da área de tratamento, onde se realizam seções individuais ou de casais. Seguramente os grupos que participam dessas oficinas preventivas são potenciais portadores de conflitos.

Nas oficinas estamos falando dos aspectos que têm a ver com a prevenção e a promoção da saúde. Por ele estamos em alerta para detectar quando devemos trabalhar terapeuticamente algum aspecto emergente, seja na própria oficina, ou quando se deriva a seção individual e se incursiona num terreno terapêutico.

Na área de tratamento, temos as seções individuais, seções de grupos de grávidas e poderíamos considerar também a atenção a casais que ainda não conseguiram a gravidez. Durante as seções do processo musicoterapêutico, busca-se o reconhecimento, a abordagem e a resolução do conflito; no caso das seções, estamos falando de um tratamento que requer uma continuidade e onde são abordados temas que afetam às pacientes orientando-as até a resolução de tais temas.

Da mesma maneira que o terapeuta em uma terapia breve, o musicoterapeuta que trabalha com a MTFO, tem um papel no tratamento que é essencialmente ativo, uma vez que se exige deste uma grande quantidade de amplitude de intervenções. Neste tipo de modalidade não nos limitamos somente ao material que traz o paciente. Exploramos, interrogamos e contemplamos atitudes da conduta extra-terapêutica, ou seja, àquela que é encontrada fora do enquadro clínico.

As oficinas não são seções porque o enquadre é diferente, além disso, a modalidade de oficina não implica em um processo terapêutico, este é dado do longo do tempo. Os objetivos são diferentes. O conteúdo terapêutico é dado por um musicoterapeuta que está encarregado desde a leitura, as intervenções e as

detentos em instituições prisionais. Uma técnica de aquecimento para uma sessão terapêutica recente de Blues detentos era inicialmente identificar que eles "had the blues", como resultado inevitável de seu encarceramento. Todos do grupo afirmaram isso prontamente e o terapeuta então lhes pediu que identificassem as coisas que mais detestavam na cadeia. O grupo selecionou as seguintes:

1. Falta de liberdade
2. Falta de privacidade
3. Ausência de mulheres
4. Comida ruim
5. Falta de respeito dos funcionários do presídio
6. Intimidações e ameaças por parte dos funcionários do presídio

Após a verbalização dessas questões, o grupo aprendeu a constituição básica das letras do Blues e ouviu alguns exemplos gravados de Blues vocal. Em seguida, o grupo foi incentivado a criar algumas letras baseadas nas angústias que foram identificadas. Os seguintes refrãos foram criados e então interpretados pelos detentos em uma sessão de Blues:

"É ruim demais, não há mulheres aqui, eu repito

Por que eles têm tantas regras? Eles têm medo do que?

Eu gostaria de não ...

Meu Deus. Gostaria de ser livre. (repete)

Gostaria de ter um pouco de privacidade.

Eles te alimentam como um passarinho e a comida é muito ruim

Quando te faltam com o respeito, isso te deixa louco."

Os detentos cantavam esses refrãos em coro com sentimento e satisfação verdadeiros e o Grupo Negro parecia ter familiaridade e afinidade com a expressão cantada do Blues.

O terapeuta começou então, começou a trabalhar individualmente, auxiliando cada detento a compor e cantar refrãos individualizados sobre questões mais pessoais ao invés de coletivas. Algumas letras individuais memoráveis incluem:

"Espero que na quarta

Tudo se resolva (repete)

Porque se isso acontecer, querida

Quero voltar pra você

Minha cabeça está enfeitiçada

Quando sair desse lugar,

Espero que tudo esteja igual."

Os detentos foram bem receptivos as discussões posteriores em grupo sobre os sentimentos expressos nas sessões de Blues. E os problemas que foram tão facilmente identificados e externalizados através das canções se tornaram a base da terapia verbal de grupo. As questões mais significativas cantadas pelos detentos através do Blues foram guardadas pelo terapeuta para follow-up em sessões futuras.

Um follow-up interessante para o tipo de sessão com Blues descrita é encorajar os detentos a compor e cantar uma outra letra que seja mais positiva a respeito do que eles



esperam conquistar de maneira construtiva em suas vidas depois de saírem da prisão.

Os pontos positivos observados nas letras também podem ser discutidos mais tarde e avaliados junto com os detentos dando ao terapeuta insight valioso a respeito das aspirações de cada um. Novamente, o Blues é único em sua capacidade de externalizar sentimentos tanto negativos quanto positivos de forma bastante expressiva.

A forma do Blues também é particularmente eficaz no trabalho com jovens e adolescentes que gostam de rock, pop e jazz, que está intimamente ligado ao Blues.

Instrumentalmente, também, o blues é marcado por muitos níveis de expressão que podem ser variados e adaptados para atender as necessidades e habilidades de um paciente ou de um grupo de pacientes. Devido ao fato da harmonia básica do Blues ser simples, existem tons comuns ao longo da harmonia que vai mudando e que torna possível compor letras fáceis de aprender ou de improvisar - melódicas simples. Por exemplo, o "C-Jam Blues" de Duke Ellington (exemplo 8) utiliza só 2 notas – a tônica e a quinta da clave de Sol, e até pacientes com conhecimento mínimo pode aprender a tocar.

#### Exemplo 8

##### C-Jam Blues—Duke Ellington

Essa canção pode ser tocada em qualquer instrumento e poderia ser bem dividida para virar um dueto com um paciente tocando o Sol e o outro Dó usando instrumentos que não exigem muita prática com baquetas, metalofone, ou sinos de mão. Essa também poderia ser uma aplicação útil com crianças especiais e traz satisfação musical imediata como na abordagem Orff. Entretanto, o acompanhamento harmônico e rítmico para o Blues que o musicoterapeuta pode oferecer no teclado ou violão proporciona um elemento adicional de reforço e motivação que falta no sistema Orff pentatônico.

Pacientes com níveis diferentes de habilidade podem encontrar uma forma de expressão recompensadora e imediata através do livre improviso baseado na escala do Blues.

Uma abordagem útil é estabelecer instrumento de tonalidade fixa como o metalofone Orff, com a escala pentatônica do Blues, como no exemplo:

#### Exemplo 9

##### Escala Pentatônica do Blues

Com o terapeuta fazendo acompanhamento harmônico e rítmico, o paciente pode improvisar livremente usando qualquer combinação de notas e sem chance de errar.

Novamente, isso tem ligação com as experiências musicais bem sucedidas fornecidas pela improvisação pentatônica da abordagem Orff, mas com uma vantagem especial de ser um gênero musical mais popular.

Trechos mais complexos de Blues podem ser compostos para performances vocais ou instrumentais que desafiam o nível de qualquer paciente.

É possível chegar a desafios musicais mais elaborados, tais como estilo instrumental improvisados de blues, ou improvisar linhas melódicas no blues. Essas são apenas algumas das possibilidades para o uso clínico do Blues no cenário da musicoterapia.

Deve-se notar que embora o intérprete de Blues possa proporcionar uma experiência terapêutica de catarse para o ouvinte, ele não tem a psicoterapia como objetivo consciente. A liberação terapêutica que pode ser inspirada no ouvinte é

provavelmente, na maioria da vezes bastante transitória, e o intérprete certamente não está disponível para oferecer follow-up com verbalização e apoio.

Entretanto, como o Blues por si próprio consegue levar à expressão de sentimentos, o musicoterapeuta pode de maneira eficaz adaptar essa forma musical para fazer dela parte significativa do processo terapêutico. O musicoterapeuta, ao contrário do cantor de Blues, pode auxiliar o paciente a esclarecer, discutir e melhor entender os sentimentos e questões que podem surgir em uma sessão de terapia com Blues.

Considerando o desenvolvimento do Blues como uma forma de Musicoterapia catártica, o ritual terapêutico que acontece numa performance de blues, bem como algumas das aplicações clínicas específicas, fica claro que o blues é uma área importante para estudos contínuos e aplicação para o musicoterapeuta.

#### Referências

- Charters, S. (1967). *The Bluesmen*. New York: Oak Publications.
- Garon, P. (1975). *Blues and the poetic Spirit*. London: Eddison Press.
- Haralambos, M. (1970). *Soul music and blues: Their meaning and relevance in northern United States black guettos*. E. Whittier & J. Szwed (Eds). *Afro-American anthropology contemporary perspectives*. New York: The Free Press.
- Keil, C. (1966). *Urban Blues*. Chicago: University of Chicago Press.
- Ottenheimer, H. C. (1979). *Catharsis, communication and evocation: Alternative views of the sociopsychological functions of the blues singing*. *Journal of the Society of Ethnomusicology*, 23, 75-86.
- Rush, O. (1982, April). (Interview with J. Moreno. New York City).
- Discografia
- Count Basic Swings and Joe Williams Sings - Olaf Records - M6C-678.
- The Blues: A Real Summit Meeting - Buddah Records - BD551442.
- Créditos
- Exemple 1 - "Everyday I Have the Blues by Peter Chatman. Copyright 1952: (Renewed) by ARC Music Corporation. Reprinted by permission. All rights reserved.
- Example 2— "Stormy Monday" — traditional in the public domain.
- Examppte 3 — "Twisting up the Road" by Bobby Bland. From Keil. (c) 1966. *Urban blues* (p. 130). University of Chicago Press.
- Exampie 4 - "Enl Bluri" — by J. Moreno (1985).
- Example 5- "I Got Some Outside Help (I Don't Really Need)." Words and music by B. B. King and Dave Cark (c) copyright 1973, 1980 by Duchess Music Corporation and Sounds of Lucille. Rights administered by MCA Music, a division of MCA Inc.. New York, NY. Used by permission. All rights reserved.
- Examples 6 and 7 — by J. Moreno.
- Examppte 8 — "C-Jam Blues" by Duke Ellington (c) 1942, 1943. Renewed 1970, 1971. Robbins Music Corporation. Rights assigned to CBS Catalogue Partnership. All rights controlled and administered by CBS Robbins Catalogue INC. All rights reserved. International copyright reserved. Used by permission.
- Example 9- In the Public Domain
- Example 10 - "Blues for M.T." by J. Moreno.